João Cravo

As Festas da Árvore, a Amadora e a República – Ritualizar para Integrar

«Bemdita sejas tu, ó árvore, entre quantas
Jóias de estimação a natureza encerra!
Fonte de sumo bem, imperatriz das plantas,
Bemdita sejas tu, obra prima da terra!»

Delfim Guimarães (1)

«(...) *não deixeis de concorrer para que as suas festas, revistam todo o esplendor e nunca lhes recuseis a propaganda, o elogio, a divulgação, que eu decerto não soube fazer, à altura dos meus desejos*»

J. Penha Coutinho (2)

Num texto publicado em 1870, no Jornal *A República* e intitulado «Liberdade de Cultos» (3), Oliveira Martins defende a ideia de que o Estado, sendo o órgão de Direito da Sociedade (sociedade que para ele seria um grande organismo, vivo e autónomo) deve ser indiferente à religião. Para ele, o crente não é o cidadão. O cidadão existe para o Mundo, para outros homens, enquanto o crente existe somente para Deus, o seu Deus. Mas Oliveira Martins não escreve este texto sob um ponto de vista crítico ou contrário à religião. Pelo contrário, assume-se como um «amigo» de uma religião «*por tantos lados simpática*» (4) (o cristianismo), propondo aos crentes evitar a morte dessa fé através de uma aliança com uma doutrina nova, a da Liberdade. Porém, o Historiador e futuro ministro afirma também que o progresso na Europa nos últimos quatro séculos se deve «*sobretudo à gradual secularização dos Estados, à irreligiosidade crescente das civilizações modernas, cada vez mais científicas e liberais, à derrota do velho espírito teológico, que uma concepção racional e toda humana e naturista do mundo vai por toda a parte substituindo*» (5). Não será despropositado incluir Oliveira Martins dentro de um paradigma do universo intelectual do Portugal da transição de oitocentos para novecentos e da monarquia para a república. Socialista e republicano, ele irá ser ministro num governo monárquico, aliás situação bem integrada (6) na matriz deste tempo, a que em outro lugar chamei o tempo de Janus (7).

(1) GUIMARÃES, 1910, p. 15.
(2) COUTINHO, s.d., p. 13.
(3) In MARTINS, 1948, pp. 1-24. Originalmente publicado em *A República*, n.os 2, 4 e 5 (1870).
(4) Opus cit, p. 24.
(5) Idem, p. 16.
(6) Azevedo Neves, por exemplo, que escreveu para a Festa da Árvore da Amadora (cf. NEVES, 1909) e pertenceu à Comissão Executiva da Liga de Melhoramentos da Amadora (uma instituição de matriz republicana), era monárquico mas foi ministro num governo republicano, liderado por Sidónio Pais.
(7) «(...) *este é um tempo complexo [1890--1930], no qual o mito de Janus se integra perfeitamente. Cada um dos vértices é sempre ancorado pelo seu outro lado.*», in CRAVO, 1998, p. 71

As Festas da Árvore, a Amadora e a República

Este tempo português é eivado de um romantismo serôdio, ligado sobretudo a um historicismo que se queria regenerador da Pátria ([8]). Apresentava-se como profundamente racionalista ([9]), assentando num cosmos em que a Natureza se afirma como naturante do ser, estruturalmente ontofânico, portanto. Mas, por outro lado, ele é marcado por um passado hierofânico, em que o ser se confundia com o sagrado. Este passado vai implicar um quase paradoxo, em que o homem racional continuará a ser um homem religioso, pois o *homo profanus* é descendente do *homo religiosus*, não conseguindo anular de uma forma total a sua própria história ([10]). Ontologicamente, o homem deste tempo, o tempo de Janus, apresenta-se como a-religioso, numa estrutura religiosa de pensamento.

1. Civilização e Regeneração – a Festa da Árvore como Ritual Integrador da Instrução Republicana

Já atrás marcámos o tempo de que estamos a falar. Repetimo-lo – este é o tempo de transição de oitocentos para novecentos e o da transição da Monarquia para a República. Neste tempo o conceito de civilização é fundamental para a racionalidade vigente. Partia-se de uma ideia de civilização que só agora chegava a um verdadeiro existir. Numa perspectiva de civilização, no sentido de acumular civilização, o culto de Deus seria substituído, precisamente, pelo culto às coisas civilizacionais. E se não às coisas, então às causas.

Ora, uma destas causas civilizacionais, em Portugal, vai ser a já referida regeneração da Pátria. A regeneração radica-se no Iluminismo, baseada na ideia rousseauniana do Homem Novo, e apresentava-se em dois patamares – a regeneração miraculosa e a regeneração laboriosa. Em Portugal, este conceito da regeneração laboriosa perpassa todo o século XIX, radicando-se logicamente e sobretudo na Regeneração de Saldanha de 1851. Assumia nesta hora o renascimento político e económico do país, um mudar de rumo comandado pela burguesia ([11]). Ancorada no «fontismo», esta regeneração prefigura, em especial, um progresso material do país, à «europeia». Contudo, já nas últimas décadas de oitocentos, em especial a partir de 1870, o conceito de regeneração material é cada vez mais cruzado com o de regeneração moral. Com Saldanha a regeneração foi política, com Fontes Pereira de Melo ela teria sido sobretudo económica. Agora, os projectos republicanos (incluindo o socialista) vão pegar, em especial, numa regeneração civilizacional ([12]). Numa nota marginal, podemos dizer que a Geração de 70, como forma de regeneração do pensamento português, assenta aqui como uma luva.

Se com facilidade o republicanismo apreende este conceito de regeneração, também com facilidade estabelece uma ligação entre esse conceito e a instrução. Já em 1912, José de Castro, o qual ainda tornaremos a referir, escreve: «*A Regeneração do povo tem que ser material e moral: uma e outra realizam-se com a educação e a instrução, postas ao serviço dum elevado e nobre sentimento – a amor da Pátria* (...)» ([13]).

([8]) Havia ainda uma outra proposta de regeneração, colada a uma ideia de civilização internacionalista e cosmopolita, assentando num espaço-tempo diferente, mas acabando por ter a mesma significação social.
([9]) Referenciando-nos, claro está, à maioria dos pensadores portugueses da época, ou pelo menos aqueles que deram a conhecer o seu pensamento.
([10]) Cf. ELIADE, s.d., p. 215
([11]) Cf. RIBEIRO, 1993, p. 121.
([12]) Para além deste termo, outro que aparece é o de «Redenção». Por exemplo, no dia 6 de Outubro de 1910, o Diário *A Pátria*, da cidade do Porto, dirigido por Duarte Leite, intitulava o seu principal artigo com a seguinte pergunta: «Portugal a caminho da Redenção»? Redenção, um termo quase sagrado que impunha uma missão sagrada – era necessário que se redimisse o país, que se fizesse a sua regeneração.
([13]) In CASTRO, 1912.

Agora, para além desta ideia de Regeneração Civilizacional, obviamente marcante numa mentalidade afinal organicista e finalística, era necessária uma atitude programática acompanhada de ferramentas que lhe dessem corpo. Essa atitude foi a promoção da instrução e as ferramentas serão a Festa e a Árvore. A Festa como ritual integrador, bem à maneira da Maçonaria, sua proponente, bem como do republicanismo ([14]), e a Árvore, um símbolo ancestral, tão do agrado do naturalismo racionalista, quiçá descendente das ideias panteístas, por exemplo do Barão de Holbach ([15]), e muito bem aceite pelas componentes republicanas da maçonaria e da Carbonária que após 1890 lideravam a luta contra a monarquia em Portugal.

Assim, surgem no país as Festas da Árvore, com este cunho cívico ligado à instrução, mas também de combate e propaganda republicana. As primeiras vão ser em 1907, no Seixal (Maio) e em Lisboa (Dezembro), impulsionadas por, entre outros, Borges Grainha, maçon e membro da Liga Nacional de Instrução. Aliás, de 1908 a 1912, é esta Liga, na altura presidida por Bernardino Machado, que lidera decididamente este processo, tendo sido realizadas Festas em dezenas de localidades portuguesas.

A partir de 1910, a necessidade era fundamentalmente integrar, mas o entusiasmo foi menor que antes da república. A Liga de Instrução tem agora interesses mais especificamente educacionais. Assim, será a vez do Jornal *O Século Agrícola* tomar conta do processo, de 1912 a 1917, com o apoio da Associação Protectora da Árvore, lançada pelo Senador ([16]) José de Castro, através da sua «Circular ao Povo de Portugal» ([17]) e constituída, formalmente, em 1914. Até à entrada de Portugal na Primeira Guerra Mundial, são muitas as iniciativas realizadas, com forte impacto nacional, devido à cobertura da imprensa.

A partir de 1917 estas iniciativas praticamente desaparecem, por um lado devido às novas condições económicas e políticas ([18]), mas também pela forte reacção católica ([19]), sendo que a partir de 1926 elas desaparecem definitivamente.

2. A Amadora republicana e as Festas da Árvore

Podemos fixar a formação de uma nova estrutura urbana na Amadora ([20]) entre 1890 e 1910. Por coincidência (ou não) estas duas décadas são também aquelas em que a monarquia portuguesa, já ferida de morte, acentuou a sua decadência e acabou por falecer.

O 5 de Outubro surge como uma situação tardia devido ao regicídio de 1908. Mas o que é facto é que havia desde já há algum tempo uma republicanização do país com uma ideia de República que era sinónimo de desenvolvimento e inovação. Esta republicanização fazia-se sentir, obviamente, na recente Amadora. Os novos habitantes, portadores de uma cultura urbana e burguesa intelectual, eram em grande parte republicanos, em especial aqueles mais intervencionistas – Delfim Guimarães, poeta, livreiro, maçon, foi considerado por Roque Gameiro um dos princi-

([14]) Recordem-se as Festas do Centenário de Camões.
([15]) Cf. FERNÁNDEZ, 1998.
([16]) Senador à época. Em 1915 foi presidente do Conselho de Ministros. Foi também membro da Maçonaria, tendo sido Grão Mestre Adjunto.
([17]) Cf. CASTRO, 1912.
([18]) Há uma tentativa de as ressuscitar em 1923.
([19]) Houve mesmo situações de vandalização de árvores plantadas durante Festas, em vários pontos do país, mormente em Lisboa.
([20]) Uma estrutura urbana resultante de um processo de rurbanização (mais tarde, também de suburbanização) a partir da abertura da actual Linha de Caminho-de-ferro de Sintra, em 1887.

As Festas da Árvore, a Amadora e a República

pais republicanos da sua época, constituindo-se como um bom exemplo. Mas outros haveria, o próprio Roque Gameiro, António Rodrigues Correia, Raul de Campos Palermo, Inocêncio Madeira, João de Araújo Morais, Theodoro das Neves, José dos Santos Mattos, Manuel da Silva Lírio, e tantos outros.

Em 1909, de 29 de Março a 4 de Abril, realizou-se a primeira Festa da Árvore na Amadora, tendo à sua cabeça Joaquim Theodoro das Neves, do qual pouco se sabe, embora não custe aceitar uma filiação maçónica deste alto funcionário da Imprensa Nacional ([21]). Em 1910, a 29 de Maio, realizou-se a segunda, já com a organização da Liga de Melhoramentos, criada na sequência da primeira Festa. A Alvorada pela Banda da Sociedade Filarmónica Recreios Artísticos e foguetório marcaram o início da Festa, às 6 da manhã. Distribuição de vestuário às crianças pobres das escolas, sessão solene no Parque Castro Guimarães, lanche para as crianças presentes e um cortejo cívico marcaram a Festa, para além da plantação de árvores ([22]), claro está Na sessão solene, Azevedo Neves, presidente da Liga de Melhoramentos, tinha discursado sobre a importância da árvore e da sua Festa, tendo o seu discurso sido publicado, mais tarde, pela Liga.

Talvez devido à morte de Theodoro das Neves em 1911, como já referido, o principal impulsionador das primeiras festas, até 1913 não se realizaram este tipo de eventos no lugar. Mas em contrapartida, a de 1913 ofuscou em lustro as duas anteriores. Na realidade, em 1913 houve duas Festas da Árvore na Amadora. A primeira e de menor brilho, realizada a 10 de Março, foi organizada por *O Século Agrícola*, tendo um carácter nacional e, por assim dizer, já algo domado.

Mas a grande Festa vai realizar-se a 13 de Abril, designada como Festa da Árvore e das Escolas e terá a organização da Liga de Melhoramentos da Amadora. Às 9 da manhã começaram os festejos com a entrega de um bodo aos pobres e a distribuição de vestuário a 90 crianças necessitadas. Às 13 horas, com a Amadora cheia de forasteiros ([23]), iniciou-se o desfile de carros alegóricos, que partia do Parque Castro Guimarães ia até à Porcalhota e voltava. Pelas 14 horas chegou o Presidente da República, Manuel de Arriaga. Mal chegou foi imediatamente «raptado» por Raul de Campos Palermo e efectuou uma visita ao Quartel dos Bombeiros, a qual não estava no programa mas que representa um dos momentos de rivalidade entre os «notáveis» da Amadora.

Seguidamente Arriaga vai para o edifício em frente aos Bombeiros, conhecido como «Palácio», onde inaugura as novas instalações das Escolas Oficiais e assiste ao resto do desfile. É tempo de discursos e sessão solene, deslocando-se depois o Presidente à actual Freguesia da Mina e inaugurando aí o Bairro-Parque da Amadora, simbolizado pelas instalações da Mina de Água ([24]), tendo sido produzidos mais uns discursos. A festa acabou no «Rink» de patinagem dos Recreios Desportivos com uma merenda para 400 crianças, mais alguns discursos e uma largada de 400 pombos!

Só uma nota à margem – no desfile de carros alegóricos para além dos carros propriamente ditos, da GNR a cavalo, dos Bombeiros, da comissão

([21]) Em 1914, num poema em sua honra, Delfim Guimarães trata Theodoro das Neves como o «Pae Neves».
([22]) Em especial no Parque Castro Guimarães, cujos terrenos tinham sido oferecidos à Amadora pelo conde com aquele título e que mais tarde acabará por ser absorvido pelo campo de aviação do Grupo de Esquadrilhas de Aviação «República».
([23]) Só do Rossio partiram 5 comboios especiais.
([24]) Ainda hoje existentes.

Administrativa de Oeiras, de 5 bandas de música, participaram ainda 262 crianças de escolas da Amadora e de Paço de Arcos!

As Festas da Árvore na Amadora são um dos exemplos em que as suas características integradoras são perfeitamente visíveis. Integradoras, não só dos ideais republicanos, mas também de uma nova cultura urbana que se queria estabelecer na região. As duas primeiras Festas são sobretudo de combate cívico, aliás tal como outras iniciativas que se realizaram antes do 5 de Outubro e se continuarão a realizar depois – festivais desportivos, festas, espectáculos de teatro, festivais aéreos, festas escolares – toda uma panóplia de eventos que permitiram a consciência de uma nova vizinhança que, para além do mais, eram também republicana.

A Festa de 1913 (a organizada pela perla Liga de Melhoramentos da Amadora), essa já tem um carácter diferente, sendo claramente cintada por dois propósitos. Por um lado questões pedagógicas, essas já vindas de trás, pois uma das preocupações vincadamente republicanas na Amadora era a instrução ([25]), por outro havia o paradigma da inovação urbana e da urbanidade, bem como a disputa do poder social e económico, feita por alguns dos «notáveis», em especial António Corrêa e José dos Santos Mattos, da Fábrica de Espartilhos a Vapor e António Cardoso Lopes da Empresa do Bairro-Parque da Amadora. Assim se juntava republicanismo, bairrismo e luta pelo poder. ▼

([25]) Neste aspecto sabemos que um dos objectivos republicanos na Amadora foi a melhoria das escolas da região e a escolarização das crianças. Para além das escolas particulares, fundadas antes da república (Escola da Choça dos Macambúzios/Maria Pinto, Escola Alexandre Herculano e Centro Escolar Republicano, com a primeira e a última destas escolas ligadas também ao conceito de Aula Maternal e ao método Froeber), é conhecido o interesse de Delfim Guimarães relativamente a este assunto, ele que em 1909 é membro fundador do Grémio de Educação Racional, ligado à Escola Moderna de Ferrer. Finalmente, sabemos também que a Liga de Melhoramentos terá como 4.º ponto dos seus estatutos promover a criação de escolas, passeios escolares e cantinas. Assim, podemos dizer que as escolas na Amadora serão um objectivo dos republicanos, um objectivo que eles irão utilizar como bandeira e, ao mesmo tempo, como capital de influência junto dos eleitores. Esta problemática das escolas republicanas na Amadora é um assunto a aguardar uma melhor investigação.

Bibliografia

a.a.v.v., 1970, *História das Ideias Políticas*, 5, dir. Jean Touchard, Lisboa: Publicações Europa-América.

a.a.v.v., 2007, *Os Homens da Liga*, Amadora: Biblioteca Municipal da Amadora.

ALMEIDA, FRANCISCO DE, 1914, *Conferencia na Sessão Solene da Festa da Árvore*, Lisboa: Tipografia Mendonça.

BEÇA, DESIDÉRIO, 1917, *A Festa da Árvore e o Exército Português*, Lisboa: Tipografia La Bécarre.

CALLIXTO, VASCO, 1987, *Páginas da História da Amadora*, Amadora: Câmara Municipal.

CASTRO, JOSÉ DE, 1912, *A Propagação, Defesa e Culto da Árvore – Circular ao Povo de Portugal*, Lisboa.

CHEVALIER, JEAN & ALAIN GHEERBRANT, 1982, *Dictionaire des Symboles*, Paris: Éditions Robert Laffont et Éditions Jupiter.

COELHO, ANTÓNIO DOS SANTOS, 1982, *Subsídios para a História da Amadora*, Amadora: Câmara Municipal.

COUTINHO, J. PENHA, s.d., *Manual de Discursos, Brindes e saudações*, Lisboa: Livraria Colonial.

CRAVO, JOÃO CASTELA, 1998, *A Arquitectura Ecléctica Portuguesa (1890--1930)*, Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, Tese de Mestrado em Cultura Arquitectónica e Construção da Sociedade Moderna.